



ANTÓNIO XAVIER

Manuel Domingos, ex-emigrante, voltou ao Tripeiro. Faz lavoura e pastoreia 74 cabras. «Isto agora», diz, «é só empatar até que ela venha»

## OS ESQUECIDOS

# Nem sombra deles

Há todo um país do Interior aonde os políticos não vão porque é caro e inútil, e os universos votantes não têm importância de maior. Aí, os ditos de espírito temperam as queixas.

Chegar, chega a televisão — «mas há dias que a gente só vê miséria»

FERNANDO ASSIS PACHECO

Quando no próximo domingo abrir a mesa de voto na aldeia do Tripeiro, a meia hora bem puxada do Fundão, não aparecerão muitos dos 114 inscritos pelo simples motivo de que lá não residem. Andam fora, por outras terras, e o caminho de terra batida que vem dos lados de S. Vicente da Beira, via Mourelo, é o que os habitantes chamam «uma borralheira» de pó, pedras e agulhas de pinheiro.

Em tempos, o Tripeiro, na serra da Gardunha, teve a visita de um presidente da Câmara que lhe encheu o ouvido com a magna promessa: sim senhores, ele jurava ali com todas as letras que a estrada havia de fazer-se. Mas nada. Para os repórteres da VISÃO lá chegarem, perderam-se primeiro numa vereda de madeireiros e só depois de muito per-

guntarem é que deram com a direcção certa. Por isso é que a meia hora é bem puxada, no meio dos campos de cultivo e às vezes entre muros que deixam dois palmos de cada lado para o automóvel passar.

A visita do sr. presidente foi o grande acontecimento da Cristandade depois da descida de Deus à Terra, mas caiu em saco roto. De resto, o Tripeiro é um dos muitos lugares do interior que o tempo e a falta de horizontes vão esvaziando de ano em ano.

«Aqui, os homens é no pinhal e as mulheres cada uma no serviço da casa», tenta explicar Alexandrina Azevedo, cuja ocupação consiste por estes dias em dar assistência a uns trabalhadores que estão a alindar o empedrado junto à capela da Senhora dos Remédios. Há um barracão da comissão das festas

(que paga a obra) com duas mesas, cadeiras e frigorífico, e Alexandrina serve-nos um refresco.

«Sítio para almoçar? Não temos», remata antes de dizer que não quer ser fotografada, está de avental e chinelos, era o que faltava.

Conta de seguida que, havendo capela, não há missa regular: só quando sr. padre António Branco, de S. Vicente, se decide a viajar, mas já lhe pesam os anos e então é «quase de festa a festa». Tão-pouco existe no Tripeiro essa modesta instituição que é uma taberna — existiu uma, mas fechou por falta de préstimo, ficou só a secção de mercearia.

Alexandrina acha inclusive que os tripeirenses não deviam votar enquanto não se arranjar a estrada, de resto «a maioria já não vota porque eles prometem mas não pagam».

► NEM SOMBRA DELES

Na vila, onde parámos para águas, fomos descobrir um estabelecimento que tinha à venda «espumas dulces» da marca Vidal e «dulces de regaliz», que no dicionário vem traduzido por alcaçuz e, com vossa licença, sabe a licor de sapo.

LEMBRANÇAS DA GUERRA

A aldeia de Esperança, quase a cavalo na raia, é que vive ao ritmo espanhol, neste caso extremenho (do lado de lá é La Codesera e um pouco mais longe a cidade de Alburquerque, aonde se vai às lojas e às cervejarias). João Rodrigues e o seu amigo José Mousinho jogavam «tute seis», um jogo de cartas importado do país vizinho, quando os abordámos sem demasiada cerimónia. Ambos na casa dos setenta, ambos bons piadistas.

Rodrigues: «Aqui não há esperança nenhuma.»

Mousinho: «Deputados por Portalegre? Assim de memória conheço um, mas não me lembro o nome.»

Esperança não tem indústria, a bem dizer tem só um carpinteiro, o mais é lavoura de subsistência e um lagar de azeite. A azeitona cresceu farta mas vai a caminho de mirrar. Há varas de pata negra, embora ninguém faça o respectivo presunto como em Barrancos, aliás a bolota deulhe a mela. A aldeia está ligada por camioneta a Portalegre, mas não há carreira para a vila. Arronches, vá-se lá saber porquê. João Rodrigues nem pede muito:

«Dava jeito uma vez por mês, ir de manhã e vir à noite, para eu poder comprar remédios, assim tenho de ir à obediência com pessoas amigas.»

O universo votante conta 1 113 inscritos, em Esperança e em dois lugares anexos. Hortas de Baixo, por exemplo, onde as histórias da guerra civil espanhola continuam vivas como se tivessem acontecido ontem.

Joaquim Rosa Candeias, 68 anos, recorda-se bem:

«Fui trabalhar para lá aos dez anos, ganhava-se melhor do que aqui. Tinha dezasseis ou dezassete quando veio a guerra. Era eu um rapazão, só voltei para o serviço militar

em Portugal. Não me fizeram nada, mas vi e ouvi contar muita coisa. Houve rapazes de cá que andaram mesmo na guerra: o Chico, que morreu de doença, o Maximino... Não, o Maximino recebeu o dinheiro e fugiu para cá. Mataram milhares e milhares de pessoas. Havia muita gente que fugia de Alburquerque e de Badajoz para Portugal, às tantas só lá ficavam os criados. Um tal Alonso, vejam os senhores, denunciou um guarda duma herdade por ter dado de comer a uma gente, vieram eles, levaram-no e mais à frente despacharam-no no cemitério com cinco tiros. E ao pé



Os jogadores de «tute seis» na Recreativa Esperancense. Azeitona quase mirrada, bolota com mela. E a carreira para Arronches que acabou!

da arraia, numa outra herdade onde eu trabalhava de manageiro da aceifa, lá numa casa esteve um fugitivo três anos escondido. Havia-os até escondidos dentro das arcas do trigo.»

Joaquim Candeias não quer de momento saber das eleições. Para uma experiência destas não se apanha todos os dias ouvintes tão atentos. Emociona-se, queixa-se de umas dores. Aperta-nos as mãos com força, os olhos embaciados.

«Os políticos só ligam à gente deles!»

PELAS ALMAS QUE LÁ ESTÃO

E Coenços? Coenços são dois lugares, os Cimeiros e os Fundeiros, separados por

algumas centenas de metros onde crescem belos viveiros de citrinos muito apreciados pela gente de Coimbra, a dez minutos de estrada.

Coenços fica distante três quilómetros do alto do Senhor da Serra (que já é freguesia de Semide e concelho de Miranda do Corvo), mas para onde gostaria de olhar, se pudesse, era para Coimbra, pólo de atracção dos jovens e dos afoitos. Este parte, aquele parte, agora mesmo Coenços Cimeiros tem vinte habitantes, na maioria velhos. Porém, quase todas as casas habitadas possuem televisão — embora para se beber um cafezinho seja preciso galgar a encosta até ao Senhor da Serra, que é lá no cimo.

Os coencenses com quem falámos estão bem e recomendam-se, mas ligam tanto como isto aos políticos e às eleições. Júlio dos Santos, 68 anos, publicita-nos os seus viveiros melhores do que quaisquer outros. Artur Baptista, que já vai nos 80, tem outro motivo de orgulho, as alminhas que mandou fazer ali à frente no caminho da aldeia com uma pintura ingénua desdobrada em azulejos. Alminhas que suscitam esmolas, esmolas que são para mandar rezar missas no Senhor da Serra. Anda justamente a fazer a vindima — e ainda se há-de dizer que a vindima de 1995 prejudicou a campanha, ora pois! Quem colhe as uvas é o sr. Artur, e quem as carrega no poceiro até ao local da pisa também. Está estafado. Mas sempre arranja um minuto para nos mostrar ainda uma coisa: o papel, mal preso com fita-cola num muro, dando notícia de o peditório por intenção do Vítor e do José Carlos ter rendido ao redor da serra quarenta e tal contos, que serão aplicados em benfeitorias nas campas. Coitadinhos, mataram-se num desastre de carro às quatro da manhã. Horas que um homem tem quando menos espera. É só empatar, diria o pastor do Tripeiro tirando reverente o seu boné.

Belo fim de Setembro. Os repórteres contam os lugares onde não viram cartazes nem ouviram nada que se parecesse com o *Bicho* de Iran Costa. Partida também não tinha o que se chama campanha à mostra, nem Vendas da Serra, nem Parceiro, nem mesmo S. Vicente da Beira, cujo foral velho data de 1195 e, ilustre entre as aldeias que o são, já foi terra dos cónegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra e crismada de «Lisboa Pequena» no meio da serra da Gardunha.

Políticos, campanhas, propagandas? Mas-tagadas, ouvem os repórteres dizer. Tibórrias. Espera-se, pois, que o país mude e o Tripeiro ganhe uma estrada a sério. Há tripeirenses em França e na Suíça que é um disparate. Saíram a pé pelo caminho da «borralheira», a camioneta esperava por eles mais à frente. Agora voltam de Mercedes e de Opel, e o pó dá-lhes cabo dos carburadores. ■